



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA DAS GRAÇAS PARNAIBA NETA

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NUMA PERSPECTIVA
HISTÓRICA: UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2018

MARIA DAS GRAÇAS PARNAIBA NETA

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NUMA PERSPECTIVA
HISTÓRICA: UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

P256p Parnaíba Neta, Maria das Graças.

O processo de formação de palavras numa perspectiva histórica: uma proposta de estudo do livro didático de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental / Maria das Graças Parnaíba Neta. – Cajazeiras, 2018.

32f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Língua portuguesa – história e evolução. 2. Livro didático. 3. Ensino fundamental. 4. Formação de palavras. I. Silva, Abdoral Inácio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.134.3(091)

MARIA DAS GRAÇAS PARNAIBA NETA

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NUMA PERSPECTIVA
HISTÓRICA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUUGESA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

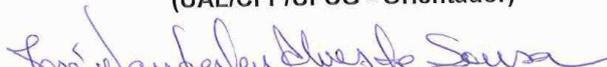
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras -
como requisito de avaliação para obtenção do
título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 18/12/2018

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof.^a Ms. Rozilene Lopes de Sousa Alves
(UAE/CFP/UFCG - Examinador 2)

*À minha família, em especial aos meus pais,
Antônio e Aldaniza. Aos meus sobrinhos:
Geovana, Davi, Alan, Daniel e Esther. E ao
meu afilhado Pedro Guilherme, por todo
amor recíproco.*

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por simplesmente me amar, me ajudar em cada desafio e por me permitir concluir o curso de Letras.

A Nossa Senhora das Graças por derramar inúmeras graças sobre mim e por sua poderosa intercessão.

Ao Espírito Santo, por me iluminar durante toda a jornada acadêmica.

Aos meus pais, que me enxergam melhor do que sou e se sacrificam por todos os seus filhos, sempre com um amor e uma dedicação inesgotável.

Aos meus irmãos: Alcineide, Fátima, Arnaldo, Darinha, João Vitor e Gabriel. Vocês me deram força e nunca mediram esforços em me ajudar e incentivar.

Ao meu esposo Euzébio, pela paciência, compreensão e por fazer o possível para que eu realizasse esse sonho.

Ao meu orientador Prof. Abdoral pela paciência, incentivo, compreensão e palavras de animo durante a realização desse trabalho.

Aos meus colegas: Eliziane, Fátima, Giliard, Izabel, Jocilene, Leandro, Lenise, Mayara, Manoel, Paula e Sizanete por contribuírem para o meu aprendizado e por terem ajudado a me tornar uma pessoa melhor.

À Erlane, pelo apoio e disponibilidade.

Aos todos os meus professores, que desempenharam um papel fundamental na minha formação e acreditaram no meu potencial. Todos me deixaram uma grande lição.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram durante a construção desse trabalho. E aqueles que, mesmo não acreditando em mim, me incentivaram a continuar.

“Pois sabemos que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles a quem Ele chamou de acordo com o Seu plano.”

Romanos 8:28

RESUMO

Esta pesquisa pretende abordar como o entendimento da Língua Portuguesa é de fundamental importância para que tenhamos conhecimento também sobre alguns aspectos de sua história e evolução. Deste modo, o trabalho tem como objetivo geral analisar como o livro didático do sexto ano do ensino fundamental aborda o processo de formação de palavras, na perspectiva histórica da Língua Portuguesa e para chegar a este, como objetivos específicos pretendemos apresentar em linhas gerais o percurso histórico da língua portuguesa, abordar a chegada dos portugueses ao Brasil e suas influências no uso da língua. O trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que tem como base as discussões teóricas que já existem sobre as reflexões da origem e da evolução da História da Língua Portuguesa, bem como do processo de formação de palavras do léxico brasileiro, especialmente a partir da análise do livro didático de Língua Portuguesa do sexto ano do ensino fundamental. Como aporte teórico usamos: Assis (s/d), Teyssier (2001), entre outros.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Ensino. Livro Didático.

ABSTRACT

This research intends to approach how the comprehension of the Portuguese Language has a fundamental significance in order that we can also know about some aspects of its history and evolution. The work initially started from a qualitative bibliographical research based on the theoretical discussions that was already brought up about the origin and evolution of the History of the Portuguese Language, as well as the word formation process of the brazilian lexicon, especially through the analysis of the Portuguese Language textbook from the sixth year of elementary school. The work initially started from a qualitative bibliographical research based on the theoretical discussions that was already brought up about the origin and evolution of the History of the Portuguese Language, as well as the word formation process of the brazilian lexicon, especially through the analysis of the Portuguese Language textbook from the sixth year of elementary school. The theoretical contributions that we used as support were: Assis (s / d), Teyssier (2001) and others.

Keywords: Portuguese Language. Schooling. Textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mapa da Península Ibérica.....	14
Figura 2 -	Capa do Livro Didático.....	24
Figura 3 -	Sumário do Livro Didático.....	25
Figura 4 -	Variedades linguísticas: construindo o conceito.....	26
Figura 5 -	Falar bem é falar adequadamente.....	27
Figura 6 -	Tipos de variação linguística.....	28
Tabela 1 -	Palavras de origem celtibérica.....	15
Tabela 2 -	Evolução das palavras do latim ao português.....	19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CFP - Centro de Formação de Professores
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- PNLD - Plano Nacional do Livro Didático
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 RELATOS SOBRE A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA	15
2 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL.....	21
2.1 CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL.....	21
2.2 A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS.....	23
2.3 O CONTATO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM AS LÍNGUAS INDÍGENAS E AFRICANAS	23
3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

A importância de conhecer a história da língua portuguesa é significativa para se entender várias questões sobre variação linguística na contemporaneidade. A origem e o desenvolvimento de tão numerosas e diferentes línguas no mundo são um problema tão complexo e discutido quanto o da gênese humana. É possível que a linguagem se tenha desenvolvido de forma independente em vários centros, ou, única, se tenha ramificado em evoluções divergentes, na história dos povos, como a língua portuguesa que surgiu através de evoluções da língua latina. (HAUY, 2008).

É relevante que o livro didático aborde a história da língua de forma que se compreenda como no uso atual da língua encontra-se várias marcas da história e da evolução lingüística.

Para isso nosso trabalho tem como objetivo geral analisar como o livro didático do sexto ano do ensino fundamental aborda o processo de formação de palavras, na perspectiva histórica da Língua Portuguesa e para chegar a este, como objetivos específicos pretendemos apresentar em linhas gerais o percurso histórico da língua portuguesa, abordar a chegada dos portugueses ao Brasil e suas influências no uso da língua.

Para a realização deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que tem como base as discussões teóricas que já existem sobre as reflexões da origem e da evolução da história da língua portuguesa, bem como do processo de formação de palavras do léxico brasileiro, com o intuito de aprofundar a temática em questão. Como aporte teórico usamos: Assis (s/d), Coutinho (2011), Ilari (1999), Teyssier (2001), entre outros.

O trabalho é estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo mostramos o percurso histórico da Língua Portuguesa, desde o seu surgimento na Península Ibérica, através da evolução do latim vulgar. No segundo capítulo apresentamos a chegada e a evolução da língua Portuguesa em solo brasileiro, como também contribuições de outras línguas, como a africana, trazida pelos escravos, e o idioma dos índios que já viviam aqui antes da chegada dos portugueses. O terceiro capítulo

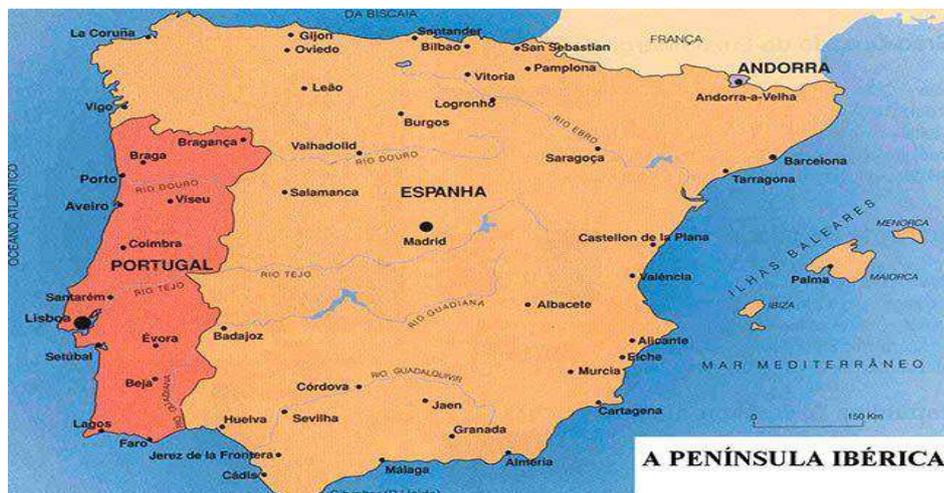
é constituído de uma análise do livro didático, que mostra como os autores elencam o processo de formação de palavras pelo viés histórico da origem da Língua Portuguesa.

1 RELATOS SOBRE A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

É de conhecimento geral que as línguas, assim como diversas atividades humanas, se transformam com o passar do tempo. Com a língua latina não foi diferente e ocorreram inúmeras mudanças. Num primeiro momento, havia duas modalidades: uma considerada clássica, usada basicamente na escrita e outra modalidade falada, que apresentava algumas diferenças, por isso, considerada vulgar. Essa modalidade vulgar foi a origem das línguas neolatinas: a língua portuguesa, o espanhol, o italiano, o provençal, o catalão, o galego, o rético e, já extinto, o dalmático (VILAS BOAS; HUNHOFF, s/d, p. 2). Esses idiomas também ficaram conhecidos como línguas românicas.

Em razão disso, o conhecimento do idioma latino nos possibilita uma melhor compreensão da nossa língua atual no que se refere aos aspectos mórficos, sintáticos e fonéticos. O latim surgiu primeiramente em uma pequena região da Itália central, as margens do Rio Tibre que tinha Roma como a principal cidade. Os romanos levaram o latim para a Península Ibérica através das batalhas para expandir do território de domínio romano.

Figura 1 - Mapa da Península Ibérica



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2FCtDp8>>.

Antes dos romanos chegarem à Península Ibérica, a região era habitada por diversos povos com línguas e culturas bastante variadas. Era basicamente constituída por duas categorias de povos muito distintos: a mais antiga – Ibérica - e a mais recente – Celta. Muito pouco permaneceu das línguas dos povos já

existentes. Outros povos também se estabeleceram na Península, como os fenícios, celtas, gregos, cartagineses e iberos. A colonização romana da Península Ibérica começou com a chegada dos soldados romanos organizando o comércio e o correio, construindo escolas e implantando o serviço militar, por volta do século V d.C. a região já se encontrava totalmente romanizada. O latim também era a língua da religião.

O povo celta começa a invadir a Península Ibérica por volta do ano VIII a.C. e apesar de o domínio não ter se dado de forma pacífica, os celtas exerceram uma forte influência que durou até a conquista pelos romanos. Segundo Haury (2008), os celtas foram os componentes de maior valor linguístico no processo de estruturação da língua portuguesa desde o período pré-romano.

No século III a.C. os povos cartagineses tentaram se apoderar do território peninsular, então os celtibéricos (povo celta que se misturou com os iberos) pediram auxílio aos romanos, que ocuparam o território para derrotar os cartagineses. Essa disputa ficou conhecida como as Guerras Púnicas e com ela a Península fica sobre o domínio de Roma.

Os celtibéricos acabaram por aceitar a língua e os costumes dos romanos. Estes encontraram a Península separada pela variedade étnica e também pela estrutura geográfica do território que colaborava para a desintegração da população. Nesse sentido, Assis traz algumas palavras de origem celtibérica:

Tabela 1 - Palavras de origem celtibérica

PALAVRAS CELTIBÉRICAS	PALAVRAS ATUAIS
Cappana	Camisa, saia, cabana
Cerevisia	Cerveja
Leuca	Léngua
Carrus	Carro
Mantica	Manteiga
Cattus	Gato

Fonte: Assis (s/d, p. 115-116).

A colonização da Península pelos romanos se deu da forma mais simples possível, sem grandes modificações. Começaram organizando o comércio e correio, construindo escolas e implantando o serviço militar. Além de intitularem o latim como a língua oficial. De acordo com Assis (s/d, p. 116), o idioma adotado em transações comerciais e em atos oficiais foi o latim, que:

[...] passou a servir de veículo para uma cultura mais avançada. Dessa forma, a língua e os costumes romanos foram progressivamente assimilados, de maneira que a Península Ibérica chegou ao século V d.C. completamente romanizada, ou seja, politicamente pertencendo ao Império Romano e linguisticamente falando a língua de Roma – o latim (ASSIS, s/d, p. 116).

O latim se tornou uma transição para uma cultura mais desenvolvida, contribuindo para que os costumes romanos fossem gradualmente conhecidos e incorporados à população da Península Ibérica.

Depois de todas essas mudanças, a Península Ibérica assimilou quase totalmente a cultura Roma e conforme o Império Romano crescia e conquistava novos territórios, também o Latim se ampliava e cada vez mais pessoas falavam o idioma. E claro, a língua em contato com outras expressões se modificava, enriquecia, ganhava novas expressões, surgindo assim às línguas românicas.

De acordo com Comba (2002, p. 31), depois da queda do Império Romano por volta de 476 d.C. termina a história romana e, um século depois, acaba a produção da literatura latina, porém, o latim continua por mais ou menos mil anos sendo a língua da civilização ocidental em toda a Idade Média, inspirando as obras-primas das literaturas modernas da Europa e da América.

Nessa perspectiva, Coutinho (2011) chama atenção para o fato de que o latim sofre uma variação e se torna não duas línguas distintas, mas, duas variações de uma mesma língua: a mais rígida (latim clássico) e a mais flexível (latim vulgar). Primeiramente o que havia era somente a língua latina, sem variações, posteriormente,

[...] o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o *clássico* e o *vulgar*. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como a árvore da semente. Essas duas modalidades do latim, a literária e a popular, receberam

dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris* (COUTINHO, 2011. p. 29, grifo do autor).

O Latim clássico possuía na sua estrutura seis casos, sendo eles: nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo e acusativo, cinco declinações e três gêneros: o masculino, o feminino e o gênero neutro que foi extinto. Define-se por ser uma língua rígida, extremamente formal e, como destaca a autora, a variação clássica era “[...] a língua literária, conservadora e resistente às inovações, que buscava a correção gramatical e estilística [...]” (ASSIS, s/d, p. 9).

De acordo com Coutinho (2011, p. 29) o latim clássico “[...] caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo”. Podemos ver que, por essas características da língua clássica, ela se tornava difícil de ser a língua do dia a dia, da comunicação rápida, de ser a língua do povo. Nessa perspectiva, o latim clássico era uma língua estável, baseada em regras mais rígidas e por isso permaneceu por tanto tempo imutável, estável. Por sua vez, o latim vulgar era uma variação da língua clássica, mais acessível à população, mais fácil de ser falada e que evoluía constantemente, como nos mostra Assis (s/d, p. 119):

A expressão latim vulgar refere-se à língua com todas as suas variedades. Era usado pelo povo, sem preocupação com a correção gramatical. Era uma variedade falada que servia de instrumento de comunicação diária com finalidades práticas e comerciais.

O latim vulgar foi levado para todas as regiões do Império Romano pelos soldados, colonos e funcionários de Roma. Chegando às regiões estava sujeito a interferências das línguas autóctones, raça, costumes e diversos outros fatores. A partir da fragmentação do latim vulgar em vários dialetos que, como foi já demonstrado, originaram-se as línguas românicas ou neolatinas, dentre elas a língua portuguesa. Haug (2008, p. 27) mostra que como língua falada,

[...] o latim vulgar evidentemente se transformou com o tempo; entre uma conquista e outra muitas vezes decorriam séculos, e a língua imposta nas diversas regiões se apresentava, com certeza, distinta. Assim, o latim levado para a Península Ibérica, por exemplo, em 197 a.C. mais ou menos, deve ter sido mais arcaico que o levado para a Dácia em 107 a.C.

Somando a isso, o latim encontrou também diversos povos e raças de civilizações diferentes, com seus respectivos idiomas e, apesar de ter vencido essas línguas, não deixou de sofrer influências, principalmente no léxico e na fonética, das línguas anteriormente faladas nas regiões latinizadas. Esse conjunto de expressões dos povos conquistados que se infiltrou na língua do povo vencedor chama-se *substrato linguístico*.

A variação vulgar era falada não só pelas camadas mais humildes mas também pelas classes mais privilegiadas de Roma, por isso “[...] era uma espécie de denominador comum” (COUTINHO, 2011, p. 30), se sobrepondo as gírias das diversas profissões, como um instrumento familiar que interligava a todos. Era a língua usada para a comunicação diária, corriqueira.

Mais tarde, com a ruína do Império Romano e o domínio de seus territórios pelos bárbaros o latim vulgar passa a expandir-se. Também contribui para a disseminação do latim vulgar o fechamento das escolas romanas e o desaparecimento das aristocracias, que eram onde as boas letras eram cultivadas. Diversos povos com línguas e costumes variados passaram a adotar como língua comum o latim vulgar e assim, a diferenciação foi se acentuando cada vez mais. Entretanto, mesmo com o declínio do Império Romano, o Latim continua a ser usado por escritores, em documentos oficiais e tudo que se referia a língua culta da época. E, como a maioria dos idiomas, foi se transformando de forma dialética, com alterações nas formas de falar e escrever.

Segundo Vilas Boas e Hunhoff (s/d), o latim foi historicamente dividido em alguns períodos ligados a história de Roma. Do século III a.C. ao século V d.C. a língua latina se conservou fluida, porém, isso não se equivalia a sua situação linguística real. Essa fluidez escondia uma mudança significativa na estrutura interna da língua, como resultado da evolução do latim que continuava prosseguindo. O autor apresenta alguns exemplos dessa variação:

Tabela 2 - Evolução de palavras do latim ao português

LATIM	PORTUGUÊS
ficum	Figo
sĭtim	Sede;
rēte	Rede
tĕrra	Terra

Fonte: Boas e Hunhoff (s/d, p. 3).

Com a queda do Império Romano essas mudanças se manifestaram mais rapidamente. Os períodos históricos da língua latina podem ser assim divididos:

- Primeiro: trata-se do latim pré-histórico. Desde as origens até o século IX. Foi a língua dos primeiros habitantes do Lácio. Ainda não existiam os dados escritos;
- Segundo: Período proto-histórico. Do século IX ao XII. É o latim que aparece nos primeiros documentos da época.
- Terceiro: e época histórica. Do século XII em diante. Subdivide-se em duas fases: arcaica e moderna, tendo o século XVI como marco divisório. Na fase arcaica a língua era o galego-português. Essa modificação da língua foi manifestada em antigos textos literários e textos legais. No início era pobre com vocabulário reduzido e estruturas morfossintáticas não determinadas. Exemplos: manu > port. mão; leones > port. leões; canes > port. cães.

Assim, seguiu-se a evolução da língua em todos os aspectos, tanto na escrita quanto na oralidade. Este processo continuou com a chegada dos portugueses ao Brasil no século XVI como veremos no próximo capítulo.

2 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL

O Brasil é um dos países que mais possui uma grande extensão territorial, chegando a ser o quinto maior país do mundo, com cerca de oito milhões e meio de quilômetros quadrados (TEYSSIER, 2011) e mais de duzentos e nove milhões de habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018). Essa população numerosa contribui para que a Língua Portuguesa tenha uma importância internacional. Além disso, o português também é falado em Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial.

2.1 CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL

Permanecendo vivo até os dias de hoje, o latim foi o princípio de muitas línguas. Uma delas é a língua portuguesa, que foi introduzida no território onde hoje se encontra o Brasil, através das grandes navegações portuguesas. Durante o século XVI, Portugal desempenhou uma função de extrema importância no contexto histórico constituído de conquistas territoriais, além das constantes viagens marítimas. Como nos diz Coutinho (2011, p. 58), não existiu outro país como Portugal “[...] cujas naus percorriam os oceanos em todos os sentidos e cuja bandeira tremulava em todas as cinco partes do mundo, porque em todas elas Portugal possuía colônias.” Sendo levado para terras tão longínquas, que tinham o clima, os costumes, a topografia, as crenças, os hábitos linguísticos, as instituições sociais tão numerosos, o português não conseguiu manter um padrão rígido e uniforme, mas fragmentou-se em vários dialetos.

Em meados de 1500, Pedro Álvares Cabral chegou ao litoral brasileiro tomando posse em nome de Portugal. Porém, a colonização se inicia apenas em 1532 com a divisão das quinze capitanias hereditárias. A pátria colonizadora trouxe sua cultura, religião e a língua para o Brasil nesse processo de colonização. Chegando aqui, os portugueses encontraram o território povoado por índios. Inicialmente, apenas o litoral é colonizado, mas após a fundação de São Paulo estende-se caminho para o interior e com a descoberta e exploração de ouro no

século XVIII, começa a ocupação do território em que hoje se encontra o estado de Minas Gerais.

No período colonial, que vai desde a chegada dos portugueses até 1822 quando é declarada a independência, o Brasil é um país basicamente rural. As duas capitais – Salvador e Rio de Janeiro, sucessivamente - e as vilas de média importância servem apenas para as funções políticas, administrativas e religiosas, sendo bastante limitada a atividade intelectual e cultural. O país ainda não possui nenhuma universidade (os jovens brasileiros precisam ir formar-se em Coimbra) e também ainda não existiam as tipografias.

Teyssier diz que nesse período a situação linguística do Brasil poderia ser resumida da seguinte forma:

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum. Enfim, muitos povos indígenas conservam os seus idiomas particulares, que se denominam línguas travadas (TEYSSIER, 2011, p. 62-63).

Os colonos que vieram de Portugal continuaram falando sua língua natal, salvo algumas particularidades específicas que se acentuaram com o decorrer do tempo. Os povos indígenas, africanos e mestiços conseguiram aprender o português, contudo, não o falavam de maneira perfeita. Diversos povos indígenas preservaram suas línguas. Já o principal idioma indígena da costa do Brasil, o tupi, tornou-se uma língua geral, porém, tratava-se de um tupi modificado, que se tornou uma língua bastante utilizada pelos jesuítas na catequização, principalmente pelo processo de gramaticalização. Essa língua geral conviveu durante muito tempo lado a lado com o português, sendo usado pelos bandeirantes em suas expedições durante o século XVIII.

2.2 A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

Assis (s/d), afirma que na segunda metade do século XVIII, a língua geral passa a entrar em decadência, e entre os diversos motivos para isso, está à chegada de numerosos portugueses atraídos pela descoberta de ouro e diamantes e a criação do Diretório pelo Marquês de Pombal em três de maio de 1757, que primeiramente passou a ser aplicado no Pará e no Maranhão e posteriormente, em dezessete de agosto de 1759, passou a ser aplicado em todo o Brasil.

Para a autora, esse Diretório proibia o uso da língua geral e estipulava o uso oficial da língua portuguesa e estabelecia tipos de penalidades aqueles que permanecessem falando a língua geral, que variava de acordo com a classe social a que pertenciam.

Como os jesuítas eram os maiores defensores e pregadores da língua geral, logo a Companhia de Jesus foi expulsa dos territórios pertencentes a Portugal. Teyssier (2011) diz que “a expulsão dos jesuítas, em 1759, afastava da colônia os principais protetores da língua geral. Cinquenta anos mais tarde o português eliminaria definitivamente esta última como língua comum”.

Depois disso, a língua geral foi enfraquecendo cada vez mais até ser completamente apagada e a língua portuguesa se tornou a língua oficial do Brasil.

2.3 O CONTATO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM AS LÍNGUAS INDÍGENAS E AFRICANAS

Durante a colonização do Brasil o português de Portugal entrou em contato com a língua indígena, dos povos que já habitavam o território antes da chegada dos portugueses, e com a língua africana trazida pelos escravos. Teyssier aborda da seguinte forma:

Quando os portugueses se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importaram, depois, da África grande número de escravos. O português europeu, o índio e o negro constituem, durante o período colonial, as três bases da população brasileira. (TEYSSIER, 2011, p. 62)

O autor destaca que essa influência se deu na língua, mas em relação à cultura, a contribuição de Portugal foi a mais importante.

Ainda nessa perspectiva, Ilari (1999) traz a seguinte afirmação: “Mas o português seria mais extensivamente exposto à influência das línguas africanas, pois de 1538 a 1855 foram trazidos 18 milhões de escravos negros, sujeitos a um contacto mais intenso com a população branca” (sic). Como a população indígena foi diminuindo, ao passo que a africana foi crescendo, o português teve mais contato com a língua vinda da África.

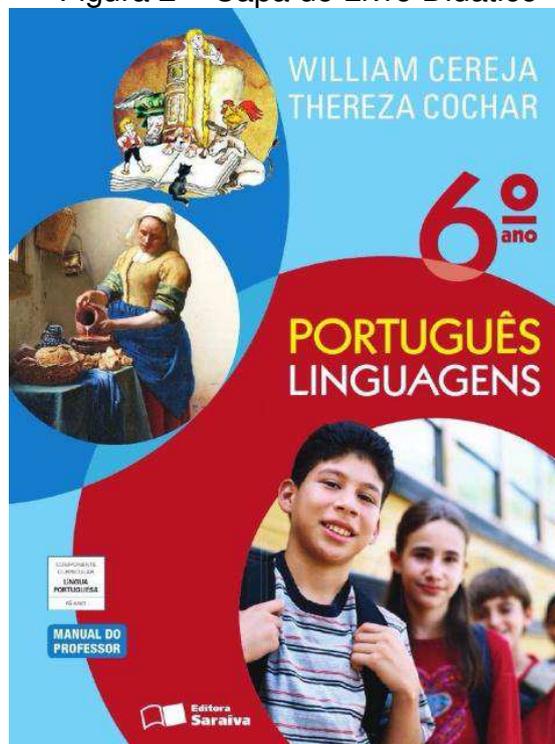
Para Elia (*apud* Assis, s/d, p. 150) “a lei do diretório apenas acelerou um processo que já se manifestava irreversível.” A autora ainda afirma que a influência do tupi na língua brasileira foi “exagerada em demasia” e que essa influência foi mais em extensão do que em intensidade, já que algumas ocorrências da sintaxe e da pronúncia que os tupinólogos apresentam como provas, também são apresentadas pelos africanistas como influência dos escravos.

Assim, a língua falada no Brasil ficou cada vez mais distinta daquela utilizada em Portugal, por esse motivo a nação busca uma identidade nacional expressando seu desejo de ser independente politicamente e culturalmente através do idioma que depois foi a base para a literatura. Assim, é de grande importância tratar da história da língua no livro didático, o que de fato ainda não acontece de maneira contextualizada e isso de certo modo compromete o conhecimento sobre a história e evolução linguística. A seguir trataremos brevemente a maneira como o livro didático aborda a temática.

3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

O livro que será objeto desta análise é o livro de William Cereja e Thereza Cochar, intitulado *Português Linguagens* e foi aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). O mesmo pertence à Editora Saraiva, sendo destinado aos alunos do sexto ano do ensino fundamental nos anos de 2017 a 2019. Atualmente, o livro está sendo utilizado nas escolas da rede pública de Santa Helena, Paraíba, tanto na escola municipal, como na estadual.

Figura 2 – Capa do Livro Didático



Fonte: Cereja e Cochar (2015).

O livro é composto por quatro unidades, com três capítulos cada uma. Cada capítulo é dividido por subseções como *Estudo do texto*, *Produção de texto*, *A língua em foco* e *Divirta-se*. Alguns capítulos ainda trazem *De olho na escrita*.

Para esta análise, nos deteremos ao capítulo 2 da unidade 1:

Figura 3 – Sumário do Livro Didático

CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá	
<i>O patinho bonito</i> , Marcelo Coelho	
Estudo do texto	
	Compreensão e interpretação
	A linguagem do texto
	Leitura expressiva do texto
	Trocando ideias
	Ler é um prazer
Produção de texto	
A língua em foco	
	As variedades linguísticas
	Norma-padrão e variedades de prestígio
	Variação linguística e preconceito social
	Falar bem é falar adequadamente
	Tipos de variação linguística
	As variedades linguísticas na construção do texto
	Semântica e discurso
Divirta-se	

Fonte: Cereja e Cochar (2015).

As atividades do livro estão divididas em produção e interpretação textual e de análise linguística. São aproximadamente cinco unidades por capítulo. O conteúdo sobre a formação de palavras começa já na primeira unidade que tem como título *No mundo da Fantasia*, a partir do segundo capítulo. Este capítulo é intitulado *Pato Aqui, Pato Acolá* e aborda o estudo das variações linguísticas e das diferenças históricas, também da língua portuguesa no mundo. A análise parte do questionamento: como o livro *Português Linguagens* aborda o processo de formação de palavras do português brasileiro?

O capítulo em questão é iniciado com o conto maravilhoso *O patinho bonito*, em seguida apresenta um *Estudo do texto*, uma atividade de interpretação textual composta por nove questões. Após isso, é apresentada outra atividade, *A linguagem do texto*, que tem como objetivo fazer a análise linguística através do conto. Entretanto, percebe-se claramente que o texto é usado apenas como “pretexto”, pois são utilizadas frases soltas para o exercício, fazendo assim uma análise apenas superficial. No próximo item, a *Leitura expressiva do texto* traz como sugestão uma leitura em grupo do conto, com os alunos simulando as vozes dos personagens.

A sessão seguinte - *Trocando ideias* - tenta trazer, também utilizando o conto, uma reflexão para os alunos, sobre eles mesmos. A próxima seção traz uma produção textual de um conto maravilhoso a partir do que foi estudado. A próxima

seção é *A língua em foco* e traz as variações linguísticas, é iniciada com uma tirinha de Fernando Gonsales:

Figura 4 – Variedades linguísticas: construindo o conceito



Fonte: Folha de S. Paulo (2007 apud CERREJA; COCHAR, 2015, p. 39).

A atividade proposta pelos autores através da tirinha é que os alunos identifiquem onde o humor está presente, na fala de qual personagem. Também é questionado em quais palavras estão o estranhamento causado na mulher. Entende-se pelas falas das personagens que o papagaio não fala de acordo com a norma culta da língua, provavelmente porque seu antigo dono também se expressa da mesma maneira. No exercício é abordada a variação linguística e o preconceito sofrido pelas pessoas que não falam de acordo com a norma padrão da língua. Não é questionado o porquê de essas pessoas falarem assim, nem é demonstrado que a língua é mutável, e o que é considerado incorreto hoje, muitas vezes, já foi estabelecido como o padrão na evolução da língua.

Os autores trazem após a atividade, um texto explicativo sobre variação linguística, que para eles pode ser definida como: “Variação linguística são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada” (CERREJA e COCHAR, 2015, p. 40). Também expõem que as variações linguísticas de certas regiões são mais bem vistas do que outras pelo simples fato de estarem mais próximas da norma culta, geralmente das grandes cidades. Porém, na perspectiva linguística não existe uma variedade melhor ou “mais correta” do que outra. Dessa forma, mesmo que a variedade linguística seja bem distinta da norma-padrão, ela será considerada adequada se permitir a comunicação entre os falantes de modo eficiente.

Os autores afirmam que a norma-padrão é vista como uma variedade prestigiada da língua, e explicam o porquê, mas não recorrem ao olhar histórico da língua para justificar.

A seguir, tem-se o tópico *Variação linguística e preconceito social*, em que salientam que pessoas de baixa escolaridade e de renda inferior frequentemente sofrem preconceito pela forma que se expressam. Aborda-se a temática de que *Falar bem é falar adequadamente*. A tirinha a seguir é usada para exemplificar isso:

Figura 5 – Falar bem é falar adequadamente



Fonte: Folha de S. Paulo (2005 apud CEREJA; COCHAR, 2015, p. 41).

Podemos concluir através da tirinha que assim como existem roupas adequadas para ocasiões distintas, também a língua deve ser usada adequadamente de acordo com o lugar e com a situação em que estamos inseridos. A fala do pai serve bem para explicar isto: “Zezo! Nós vamos a um casamento! Você não pode se vestir desse jeito!”. O pai pede para que o filho troque de roupa e coloque uma roupa que se encaixe mais a um casamento. A roupa usada por Zezo não é tida como adequada para o evento. O personagem, no entanto, não obedece ao pai e permanece com a mesma roupa, apenas coloca uma gravata.

É importante passar para os alunos que devemos saber adaptar nossa linguagem a partir da situação e do(s) nosso(s) interlocutor(es). Assim, é dever do professor enfatizar também que nenhuma pessoa deve sofrer preconceito pela sua linguagem está desadequada a certas ocasiões. Para a reflexão do texto, os autores trazem uma atividade, que pode ser feita em sala de aula, oralmente com os alunos.

A próxima temática abordada são os tipos de variação linguística, o livro traz os motivos que podem acarretar variações. Entre esses motivos estão as *Diferenças de lugar ou região*. Para exemplificar esse exemplo de variação, os autores apresentam a tirinha do Chico bento:

Figura 6 – Tipos de variação linguística



Fonte: Chico Bento nº424 (apud CEREJA; COCHAR, 2015, p. 42).

Na tirinha, as falas do Chico bento não estão de acordo com a norma padrão da língua. No primeiro quadro, quando Chico bento diz: “Eu queria sê como esse passarinho!” os autores afirmam que a fala está de acordo com a forma de se expressar da maioria dos brasileiros, pois é comum ouvirmos pessoas dizerem “quiria” ou “sê”. Já a fala presente no segundo quadrinho é classificada como pertencente ao dialeto caipira, pois, para eles, frequentemente o *l* é trocado por *r* nessas regiões.

Contudo, essa mudança das letras *l* e *r* pode também ser explicada pelo viés histórico da língua. Para ilustrar como essa forma é possível ser explicada através da evolução da língua temos o exemplo da palavra latina *palidum* que se transformou em *palidu*, em seguida *paldu* que deu em português “pardo”, por isso é comum vermos a troca da letra *r* pela letra *l* por algumas pessoas, não obrigatoriamente pessoas do interior.

Cereja e cochar (2015) também citam como um tipo de variação linguística as diferenças históricas, entretanto, citam apenas que com o passar do tempo algumas palavras caem em desuso. Não abordam que as palavras também passam por transformações ao decorrer do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se torna pertinente do ponto de vista da linguística, pois é comum vermos pessoas sofrendo preconceito linguístico pelo fato de não ter uma boa instrução ou simplesmente pela questão histórica de algumas palavras.

No primeiro capítulo foi abordada a história da língua desde o latim clássico e sua chegada a península ibérica, sua evolução para o latim vulgar e posteriormente para o português. O capítulo seguinte fala da língua portuguesa em solo brasileiro, a chegada dos portugueses e o contato do idioma com outras línguas que já habitavam o Brasil e também com os idiomas trazidos pelos portugueses durante o processo de colonização. No terceiro capítulo é feita a análise do livro didático do sexto ano e apresentamos a sugestão de intervenção.

Essa pesquisa mostra que o professor não deve limitar-se apenas ao livro didático em sala de aula, mas deve procurar outras fontes de ensino e ater-se principalmente aos alunos, sua linguagem e maneira de expressão a fim de trazer um ensino mais significativo e reflexivo nas aulas de língua materna. Esta pesquisa não tem objetivo de ser conclusiva, pois a partir da perspectiva histórica são possíveis outros olhares que possam contribuir de maneira significativa para a melhor compreensão do ensino de língua portuguesa.

Após constatarmos através da análise do livro didático que este é insuficiente para passar para os alunos um bom conhecimento da história da língua, sugerimos que o professor possa realizar outras abordagens desse conteúdo.

No primeiro momento sugerimos ao professor que converse com seus alunos. Uma conversa descontraída, podendo até ter como tema a própria história da língua (ou outro assunto que o professor considere pertinente). Através dessa conversa o professor deve dar atenção a fala dos alunos, procurando as variações linguísticas presentes nelas.

Partindo das falas destacadas, o professor pode abordar a história da língua e as variações sofridas pela mesma, de modo que possa explicar e justificar por que

essas diferenças acontecem, expondo as causas das variações linguísticas, como variações de região, contexto social, classe social, nível de escolaridade, evolução e transformação da língua, etc.

O professor deve procurar expor que a língua é um fenômeno social mutável e, assim como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme em todos os territórios que a tem como língua oficial. O professor pode exemplificar mostrando que o português falado no Brasil é diferente do falado em Portugal, e o português no Brasil apresenta discordâncias de região para região, cidade para cidade, etc.

Depois que os alunos compreenderem todos esses aspectos a respeito da língua portuguesa, o professor deve inspirar os alunos a refletir sobre a adequação da linguagem nos diferentes contextos sociais, tendo em vista que cada indivíduo tem uma maneira única de se expressar através do ambiente em que está inserido. Sugerimos também a discursão do ponto de vista prático a partir da análise de gêneros textuais diversos.

Por fim, cabe ao professor salientar que as variações linguísticas devem ser entendidas como um fenômeno natural da língua e, acima de tudo, devem ser respeitadas. Nenhum ser humano deve ser visto de forma diferente por causa da língua que utiliza, mas sim, ser entendido e instruído das melhores formas de se comunicar.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. s./d.. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2018.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português Linguagens**. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

COMBA, Júlio. **Introdução língua latina**. 18. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 19. ed. Rio de Janeiro: Império Novo Milênio, 2011.

HAUY, Amini Boainain. Origem e Formação da Língua Portuguesa. In: SPINA, Segismundo (Org.). **História da Língua Portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

ILARI, Rodolfo. **Lingüística Romana**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VILAS BOAS, Cristiane Max Serra; HUNHOFF, Elizete Dall'Comune. Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social. p. 1-19. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/UM%20ESTUDO%20SOBRE%20A%20ORIGEM%20DA%20L%20C%20LINGUA%20PORTUGUESA_%20DO%20LATIM%20%20CONTEMPORANEIDADE%20CONTEXTO%20PO%20ETICO%20E%20SOCIAL.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2018